

## Pela sociedade propagadora dos conhecimentos uteis.



**C**ELEBRAM os periodicos, acomodando-se aos usos sociaes, a entrada do anno, como a celebra o povo com boas festas e folgares. Convem que a litteratura mostre, em tudo, um reflexo de nacionalidade, e que esta, mais que as outras, a que chamam popular, não o sendo em nome sómente, fira uma corda ora de alegria ora de tristeza, segundo a indole das mais notaveis commemorações annuaes.

Nesta congratulação de etiqueta ao anno bom vem disfarçada outra, cazeira e mais sincera, com que cada periodico a si proprio se festeja, e o cuidado com que attento a prolongar a carreira dos seus dias, esquadrinha cuidadosamente, para fugi-los ou expulsa-los, os achaques peculiares da sua especie. Concordam todos quantos tem versado este ponto em que o segredo ou o remedio inteiramente se cifra no agradar aos leitores, dos quaes quasi o mesmo dizem que diz Victor Hugo, no prologo de Ruy Blas, dos espectadores; e da escriptura o que o auctor francez, do espectáculo. Como elle assentam dividir os leitores em tres classes—o povo—as senhoras—e os pensadores:—o povo que pede sensações ao escriptor: as senhoras que exigem del-le, e só lhe agradecem os lances dramaticos, e as grandes emoções: e os ultimos, acaso os menos contentadiços, que á fina força querem idéas e pensamentos, e que com outra iguaria se não hão de dar por satisfeitos. E a tantos paladares, ás vezes bem estragados, tem de lisongear o amargurado Jornal! Esforço terrivel, de que ao cabo de 52 semanas, que conta o anno, nem sempre sabem inteiros os veteranos da arte, e os mais experimentados.

E todavia a todos estes obstaculos vão superando os nossos jornaes litterarios: os velhos não cedem o campo, e novos combatentes vem afluindo a elle. Que significa esta concorrência? Que sincoenta mil espectadores estão animando esta lucta, que sincoenta mil espiritos procuram o alimento da intelligencia, e que sincoenta mil cabeças estão experimentando o influxo saudavel da epocha, e accumulando para o futuro cabedades que não hão de ser desuteis ao paiz. O povo lê. Faltarão aos escriptores—e ao maior numero falta, infelizmente—philosophia e intenção: mas isso mesmo, que se estampa e publica sem proposito moral, aproveita pela maior parte ora ao povo que lá o converte ao seu fim, ora aos escriptores de verdadeiro talento e vocação, que se desenganam a erguer-se do silencio em que dormem, para apontar o caminho aos que vão errados.

Não desalentemos pois, porque o passo dos melhoramentos tem sido sempre assim: remisso e gradual. A escripta veio primeiro dar luz, cor, forma, vida, expansão ao pensamento humano. Esta descoberta, tão admiravel e juntamente tão innocente, teve detractores—os encomiastas do tempo

que então podia chamar-se passado. Gabavam esses o methodo, antigo, de aprender de cor sem o auxilio dos caracteres ou signaes da voz, e attribuiam a esta novidade *perigosa*—a escripta—a decadencia dos costumes, e o ruim espirito da mocidade! Muito depois, no seculo 7.<sup>o</sup>, veio outra invenção tambem muito necessaria, a da penna. Seguiu-se-lhe, no meado do seculo 14.<sup>o</sup>, a descoberta do papel de trapos, e quasi no meado do seculo 15.<sup>o</sup>, a da imprensa: e a imprensa ainda foi mais praguejada do que a escripta, porque os frades, a quem vinha demittir do officio de copistas, accusaram de magia aos inventores desta arte, tão simples no processo como prodigiosa nos resultados. Foi esta a sorte dos grandes inventos e verdades mais beneficas que quasi não houve uma só, que contra si não armasse um conluio de interesses e prejuizos: foram utopias, quando proclamados á face de uma geração que os não comprehendia, muitos principios hoje triviaes; e serão, talvez dentro em poucos annos, axiomas do sizo commum, alguns dos que agora se reputam utopias. Hoje, por mercê da imprensa, acabou o tempo em que Platão dava 100 minas [304 moedas] por uma copia de tres tratados de Pythagoras, e Aristoteles tres talentos [348 moedas] por outra copia das obras de Speusippo: os livros, postos pela sua barateza ao alcance de todas as fortunas, deixaram de ser monopolio da riqueza. Introduziu-se nas sciencias o principio da divisão do trabalho, e de cada ramo dos conhecimentos humanos se encarregaram diferentes cultores. Subdividiram-se os proprios ramos em ramusculos sem fim, e, a um tempo quasi, se estendeu e simplificou a cultura. Abolidos os feudos e os morgados na republica das letras, dos vastos terrenos da sciencia uma boa parte se retalharam em courellas. Dos numerosos empresarios da produção litteraria muitos se votaram ao trabalho de fornecer mercadorias mais appropriadas á multidão. E hoje, na maior parte da Europa, não é á falta de escriptos que as gerações se definham, como outr' ora, de inedia moral. Dezoito mil escriptores estão com a penna na mão em Allemanha. Mil e quinhentos volumes sahem, não contando pequenos impressos e folhas periodicas, todos os annos dos prelos de Inglaterra. Para cima de cem mil familias, desde a mais humilde até á mais elevada cathegoria do trabalho, desde o trapeiro até o auctor, vivem hoje em França dos lucros commerciaes da imprensa: o que é o menos, porque o mais é—que por ministerio da imprensa franceza estão recebendo educação muitos milhares de homens naquelle paiz, e em todo o mundo.

Com tamanha actividade a abundancia de livros é tal que já houve quem calculasse poder-se apinhonar um montão, que chegasse á lua, dos impressos desde Guttemberg até agora; e tanta a impossibilidade de dar-lhes sabida que alguém se lem-

brou já ou de pôr de parte os inúteis, lançando-os ao esquecimento, ou de invocar contra elles o auxilio de algum novo Omar. Em nossa casa não ha, por ora, que recar do diluvio que inunda as alheias. Aqui é o estio litterario mais aturado do que conviera; o rio que se quizera caudal, regato e pobre ainda: nem ha temor de que se abram sobre nós as cataractas do céu. Scintillações da sciencia vão apparecendo neste nosso horizonte: obras substanciaes e duradouras, accumulacão de longo trabalho e pensar, são mais que escassissimas. Elaboram-se, contudo, e preparam-se os materiaes para ellas: ha muita força latente. Lê-se e ama-se a leitura. Mas louva-se o bom e o máu sem discriminar; e corre impunemente a moeda falsa com a genuina, sem haver alma caritativa que tome sobre si o encargo de contraste.

Quem virá que funde a critica de que não ha a mais leve sombra entre nós? Que diga, sem reboço, ao pessimo que o é; — ao máu que lhe falta alguma cousa para chegar a mediocre; — ao sofrível que forceje por attingir as raiaes do bom; — ao que está verde que dê o tempo devido ao crescimento e á cultura; — ao bom que é digno de louvor; mas que ainda mais o seria, se alcançasse

o ser perfeito; — e que ao perfeito renda então francas homenagens, e não regateie coróas e ovações? É falta, muito para sentir, a da critica. Criem-na os optimos, que os inferiores escutarão, e os infimos da communidade litteraria accitarem com acatamento conselhos e correções.

Sem embargo desta falta, a quadra promette muito. Cuida-se a linguagem e o estylo mais do que até agora. Buscam-se, consultam-se, estudam-se, e reimprimem-se os classicos: citam-os, elogiam-os, e vai sendo quasi moda [Deus queira que chegue a ser mania] escrever em portuguez. Muitos, na verdade, ainda barbarisam; mas contra esses são os escriptores escrupulosos uma especie de antidoto, porque ha na memoria e na consciencia do povo uma luz que lhe ensina a distinguir o trajó portuguez, proprio da lingua, dos vestidos alheios e mal ajustados com que a desfiguram; e no ouvido e sentimento do homem mais rude um principio de harmonia que lhe ensina a differenciar os estylos como os tons, e a dar preferencia, quasi sempre, aos melhores.

Esta luz nos guiará, até que appareça a da critica.

A. d'O. Marreca.

#### ARSENAL DO EXERCITO.

O ARSENAL do Exercito portuguez, em Lisboa, á beira do Tejo, na parte mais oriental da cidade, não é um edificio que dentro de um só recinto comprehenda todas as officinas do fabrico de armas, e equipamentos, do trem de artilheria e de outros objectos militares. Damos o prospecto da entrada daquella parte do Arsenal, sita á margem do rio; chamam-lhe vulgarmente a *Fundição*, para a distinguir do estabelecimento de construcções maritimas com seus respectivos armazens e arrecadações, a que o vulgo tem exclusivamente consignado o nome de *Arsenal*, o que occupa o assento do antigo paço de nossos reis. Porem a verdadeira *Fundição*, dita de cima, onde se fundem as peças d'artilheria, é contigua ao palacio destinado para residencia do Inspector, em terreno muito mais elevado, e com serventias ingremes, fronteiro ao templo incompleto de St.<sup>a</sup> Engracia, no campo de St.<sup>a</sup> Clara; e no extremo deste campo ao nascente, quasi ao pé do palacio do Ex.<sup>mo</sup> Sr. Conde de Lavradio, estão collocadas as ferrarias, e o deposito dos reparos e petrechos concernentes á arma de artilheria; é esta uma parte integrante do Arsenal, como tambem o é a mais distancia o laboratorio de fogos de artificio, a St.<sup>a</sup> Apollonia, e immediatamente sobranceiro ao Tejo. Vê-se que é um corpo com os membros dispersos; o que sem duvida foi devido ás diferentes epochas da edificacão de cada uma das partes avulsas, que o compõem, e que nasceram da necessidade de occorrer providentemente ao fornecimento do exercito, depois que este começou a ser permanente e regular: não se quizeram perder os trabalhos já feitos, e como o terreno adjacente não dava largas, crearam-se pelas visinhanças os estabelecimentos complementares.—O desenho, que remata este breve artigo mostra a fachada da *Fundição de baixo*, e que olha para o poente, tendo guarnecida a avenida pelo lado da terra com o aparato bellico de numerosas peças de artilheria: as columnas da entrada são da ordem corinthia; trophéus militares a coróam, tudo de bem lavrada

cantaria: o risco é d'um architecto Mr. Larre, que provavelmente seria de todo o edificio, construido em 1760 pelas ordens do esclarecido ministro marquez de Pombal: interiormente, ao rez do chão ha a entrada para os vastos armazens, que constituem o primeiro deposito, segundo o regulamento vigente do 1.<sup>o</sup> de julho de 1834: o pavimento destes é inferior ao nivel da rua comprehendida entre a parede externa do edificio e a cortina lateral ao Tejo; eram escassissimos de claridade porque rematavam no elevado soalco que sustenta os pateos interiores e muitas officinas, que tem serventia pela calçada que costeia o edificio da parte da terra, em altura muito superior á entrada geral visinha ao rio e por consequencia aos mesmos armazens: quando alli foi inspector, o Sr. Coronel A. J. da S. Leão fez desaparecer este grande defeito, abrindo-se uma especie de saguão, resguardado convenientemente pelo soalco e por um forte paredão que forma as costas dos armazens, e lhes dá toda a segurança, facilitando-lhes luz e ventilação.

No lado do norte da fachada estão a secretaria, contadoria, archivo e outras secções civis da inspecção geral do Arsenal, occupando o andar superior e correspondente ao outro lanço do sul: este membro que completa a frente ao sul é uma bellissima e espaçosa sala sobre os armazens já mencionados contendo o armamento da cavallaria; o topo é da banda do rio; e ahí collocaram o retrato em corpo inteiro da Nossa Augusta Rainha, A Senhora D. MARIA II., devido ao pincel do habil professor da Academia de Bellas-Artes, o Sr. Joaquim Raphael; as pinturas, que aformoseam este salão magnifico, bem como o tecto da entrada, são ordinariamente attribuidas aos nomeados artistas Pedro Alexandrino de Carvalho e Cyrillo Wolkmar Machado; mas este ultimo no seu livro intitulado « Collecção de Memorias relativas ás vidas dos pintores, esculptores, architectos &c. » diz expressamente o seguinte [a pag. 123] = Bruno José do Valle. . . . . Competiu com Pedro Alexan-

drino, e até aos annos de 1762 davam-lhe a preferencia, porque no tecto da escada da Fundição, o Pedro e o Berardo (\*) fizeram nos quatro lados as quatro partes do mundo, e elle fez o grande quadro do meio. Continuou depois com a casa das pistolas, aonde coloriu outros paineis allegoricos.» Lemos na mesma obra a pag. 195 que—«Feliciano Narciso, que pintava optimamente architecturas e ornatos, desenhou e dirigiu [depois do terremoto] os ornamentos no grande tecto da casa das pistolas na Fundição, os quaes foram executados por elle mesmo, por Antonio Caetano da Silva, Antonio dos Santos Joaquim, e por outros: José Carvalho Rosa pintou as flores.—Quando pintou o grande tecto na Fundição estava já muito convulso, o que não obstante distingue-se o seu toque de ouro de todos os mais pela limpeza, elegancia, e perfeição com que é feito.» Taes são as breves noticias que podemos achar dos artistas que desempenharam trabalhos mais acabados nas obras dos edificios do Arsenal do Exercito: temos porem, na esculptura, de mencionar devidamente ainda mais dois.

Da sala de que acabamos de fallar se passa successivamente para outras que, igualmente com grandes janellas rasgadas para a rua, formam o laço parallelo ao rio até o portão, em frente do caes que serve para receber ou expedir os objectos que entram ou sahem do estabelecimento, transportados por agua. Estas quatro salas tem em seus bem dispostos cabides, collocadas com elegancia, ordem e acio, as armas brancas e de fogo, geralmente de serviço na infantaria: e assim como na primeira a distancias regulares se acham bacarmartes, nestas se encontram esmerilhões, e outras bocas de fogo de longo alcance, mas sem uso na guerra: muitas armas, como espadas, terçados, &c. estão ordenadas de espaço a espaço á maneira de vistosos trophes bellicos: diversas figuras, postas em symetria, nomeadamente no principal salão, symbolizam as armaduras da idade media. As estatuas allegoricas de Marte e Vulcano, e outras, e os bustos dos nossos maiores guerreiros na India, foram feitas por Francisco Antonio, bom esculptor em madeira e metaes, que falleceu no fim do seculo passado, e a quem succedeu como esculptor da Fundição João José de Aguiar, que tambem depois trabalhou em marmore, e fez alem disso a esculptura em bronze das banquetas que no Arsenal se fundiram para a Basilica de Mafra. Bem desejavamos poder ampliar mais estas noticias; mas circumscrevendo-nos por agora ás que adquirimos, esperaremos que se nos apresentem outras mais copiosas, principalmente relativas ás obras feitas no Arsenal, e aos seus artistas benemeritos em quaesquer epochas; todas as que se nos offerecerem publicaremos gostosos como sempre fazemos a tudo quanto é de credito e proveito nacional.

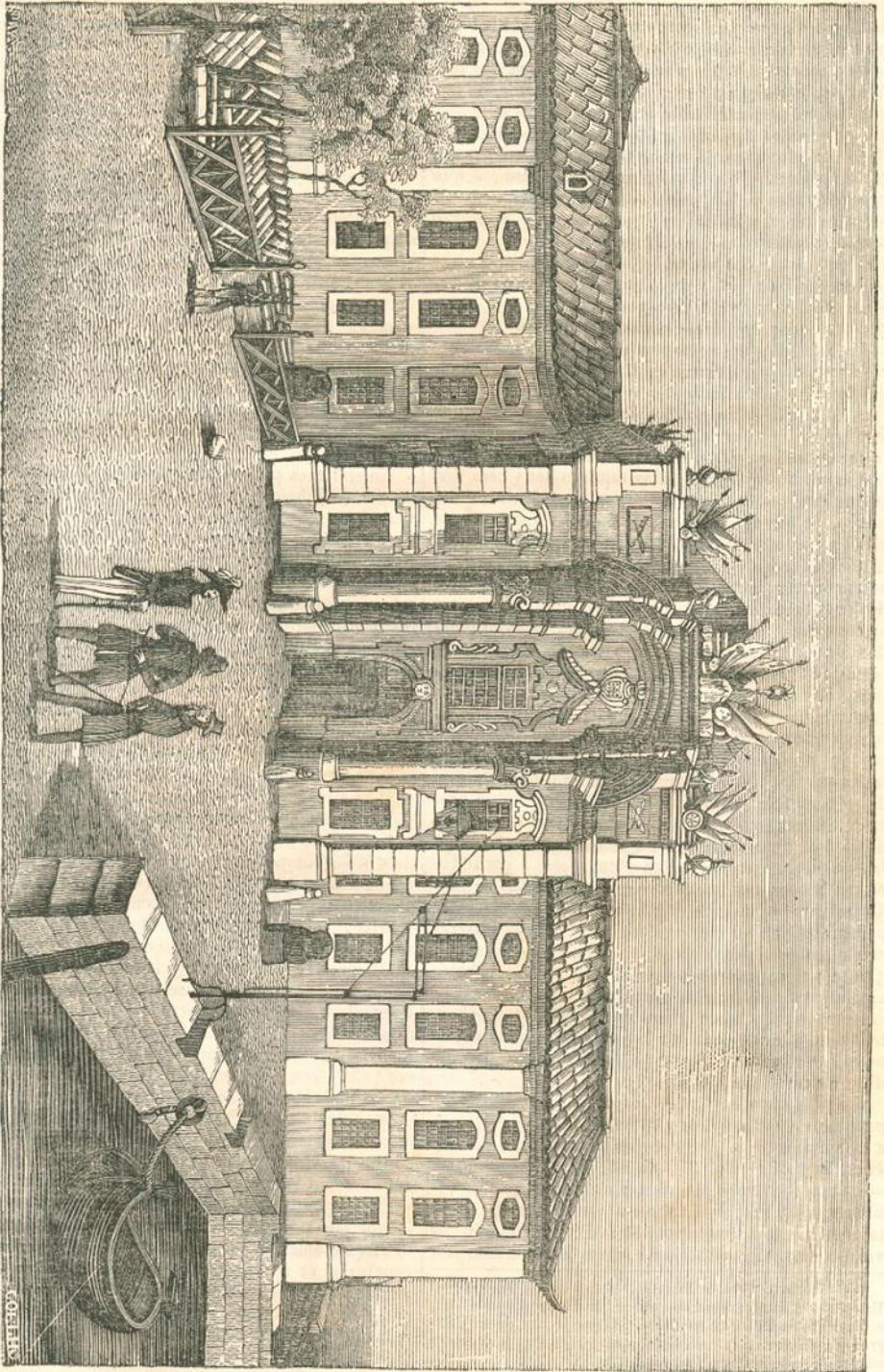
João Baptista de Castro, apesar de ser contemporaneo da edificação do Arsenal, apenas consagra a esta Repartição mui poucas linhas, [no M. de Port. Parl. 4.<sup>a</sup> pag. 378 da ed. de 4.<sup>o</sup>] que nada adiantam, salvo o mencionar os nomes de tres officiaes militares, que por então governaram o estabelecimento, sendo um delles francez, cuja actividade este A. muito elogia, bem como o zelo dos

que lhe succederam.—Parece-nos opportuno mencionar aqui um pensamento que se não realisou. Jacome Ratton, nas suas *Recordações* pag. 136, diz que organisára um projecto para uma nova fabrica de armas, e ao mesmo tempo de obras grossas e finas, de ferro, aço, e cobre, e que o apresentára ao Ministro d'Estado, visconde de Balsemão. Consistia o plano de Ratton na formação de uma companhia d'accionistas, com o capital de 300 contos de réis, a qual erigiria os necessarios edificios em um local junto á bacia e porto de S. Martinho, para haver facil transporte por mar, quer das manufacturas para Lisboa, quer do carvão de pedra de Buarcos, que devia ser o combustivel empregado para as maquinas movidas a vapor, ainda que houvesse outros motores por agua corrente: o dito local proporcionava igualmente a conducção pouco dispendiosa das lenhas e madeiras do pinhal d'elrei, que fossem necessarias. A companhia, sob a protecção do Governo, devia ser administrada unicamente por uma Direcção Geral composta de accionistas e eleita pela Assembléa Geral destes. Porem este alvitre foi regeitado, «talvez [diz o citado J. Ratton] porque nelle entrava o mosteiro d'Alcobaça, como um dos principaes accionistas, visto que era de grande proveito aos contos do dito mosteiro, tanto em consumo de generos, como em augmento de população.»

Entendamos porem que o Arsenal do Exercito não só é uma fábrica, a qual póde produzir grandes vantagens, quando fornecida de materias primas, mas tambem é uma escola dos officios mechanicos, muitos dos quaes se podem intitular artes, como por exemplo o de «abridor em metaes» o do fabricante de instrumentos bellicos, e d'instrumentos mathematicos, &c. Convem que este nucleo, quaesquer que sejam os apuros da fazenda publica, subsista no melhor estado possivel, para a todo o tempo se lhe dar desenvolvimento e maior amplitude, ao que persuadem mui ponderosas razões de conveniencia economica e politica, que não é do nosso instituto referir, porem mui claras para toda a gente sensata. Assim o entendeu a benemerita commissão, que, de ordem regia, redigiu o projecto de reforma e regulamento provisório do Arsenal mandado observar por Decreto do 1.<sup>o</sup> de julho de 1834: compoz-se a commissão dos Srs.<sup>os</sup> P. José da Cunha, J. da Cruz Xavier, D. C. Barbosa Torres: sabemos o grande esmero com que o Sr. Xavier, Secretario Geral da Repartição, se empenhou por levar á pratica mais perfeita as providentes disposições do novo Regulamento; e tambem sabemos quanto os Srs. Inspectores se tem dedicado a mante-lo em vigor, bem como á conservação, creditos e lustre do Arsenal, a que tem presidido; assim o Sr. Coronel Leão, que entrou a administrar em 1833, como os seus dignos successores os Srs. Barão d'Ovar e Barão de Monte Pedral, aos quaes o estabelecimento é devedor de grandes melhoramentos. Sejam provas as obras, já solidas e duradouras, já perfectas e trabalhadas com esmero, segundo sua diversa natureza, que nestes ultimos tempos tem sahido do Arsenal; onde sempre mereceu louvor por sua dexteridade uma grande maioria de mestres e officiaes de varias officinas. Citaremos por conclusão os recentissimos aperfeiçoamentos introduzidos nos fechos fulminantes das armas de fogo portateis, e o invento do martello de percussão para as peças de artilheria, de que deu recentissimamente noticia official a folha do Governo, e falla-

(\*) Berardo Pereira Pegado, pintou os paineis do St.<sup>o</sup> Estevão d'Alfama: com elle aprendeu Pedro Alexandrino; e diz o pintor Taborda na Memoria, que juntou ás suas *Regras de Pintura*, que consiste a maior gloria de Berardo em ter deitado aquelle discipulo.

ram com o devido elogio muitos outros periodicos, que nos dispensam de tratar aqui materia mui estranha á nossa profissão. — Tambem nos abtemos de fallar na famosa peça d'artilheria dita, o tiro de Diu, e no molde da Estatua Equestre, porque já largamente o fizemos nos volumes da precedente serie, a que o leitor curioso poderá recorrer procurando pelos indices os respectivos artigos.



ARSENAL DO EXERCITO.

## EPITOME DA VIDA DE LUIZ DE CAMÕES.

TANTOS historiadores distinctos, tão eruditos biographos escreveram a vida, feitos e infortunios do poeta mais illustre de que se ufana Portugal, que parecerá temeridade querermos nós tratar esta materia. Por certo que não nos abalancariamos a fazer-lo, se porventura uma unica consideração nos não incitasse. Esta consideração é que nem todos os nossos leitores podem com facilidade consultar Ferreira, Faria e Sousa, Corrêa, Ribeiro, Severim de Faria, Santos, Mariz, o morgado de Matheus,

nem mesmo o erudito Sr. bispo de Vizeu na sua Memoria Historica e Critica, que anda impressa nas obras da Academia Real das Sciencias; e outros preferem resumos, que melhor se compadeceem com as publicações litterarias do genero do Panorama, a obras difusas com quanto cheias de saber, e repletas de vastos conhecimentos litterarios. Para esta qualidade de leitores escrevemos pois, e por isso esperamos dos mais rigidos censores a merecida desculpa, se escrevermos mal sobre assumpto tratado bem e magistralmente por pennas mais habeis.



COELHO gr.

Aquelle respeito e veneração que é devido á memoria de um grande homem, exige que seus concidadãos religiosamente lh'o tributem por duplicado motivo. — 1.º Como testemunho de gratidão para com o nobre esteio da grandeza nacional. — 2.º Como dever que tem por objecto transmittir á posteridade modellos dignos d'imitação. Altos e mui nobres exemplos nos offerecem os seculos modernos, que apesar das inculpações que escriptores coevos e animos prevenidos lhes tem feito, nem por isso deixam de se avantajarem sobre os seculos antigos. Se é portanto gratidão, que não menos dever, conservar inviolados para os vindouros os nomes illustres dos varões excelsos que honraram a sua patria, quem melhor o merecerá entre os grandes engenhos de Portugal que Luiz de Camões; esse que por seu transcendente merito, e pela ingratição e desamparo em que morreu no seio da terra, que hoje, porem tarde, se ufana de lhe haver dado o ser?

Luiz de Camões, nasceu em Lisboa no anno de 1524, segundo a melhor opinião, inda que Severim de Faria e Garcez Ferreira sustentem que fôra no anno de 1517. Simão Vaz de Camões, e Anna de Sá de Macedo foram os progenitores do grande poeta. Os ascendentes de Luiz de Camões eram nobres, e a sua familia originaria de Galiza. O solar desta era o castello de Camões, junto ao cabo de Finisterra, donde deriva o seu appellido.

Vasco Pires de Camões foi o primeiro desta familia que passou a Portugal em 1370, onde seguiu o partido do Sr. D. Fernando contra elrei D. Henrique de Castella. A julgar pela grandeza da doação que o soberano portuguez lhe fez, e os cargos que lhe confiou, devia ser a aquisição deste fidalgo considerada de muita importancia, e a sua pessoa tida em grande valia. Casou em Portugal com a filha de Gonçalo Tenreiro, capitão mór das armadas, de quem teve, Gonçalo Vaz de Camões, João Vaz de Camões, e Constança Pires de Camões.

Do primogenito descendem varias familias, mui illustres do reino. Da alliança que fez o segundo com Ignez Gomes da Silva, procedeu Antonio Vaz de Camões, o qual casou com Guiomar Vaz da Gama, de quem teve Simão Vaz de Camões, que, como dissemos, foi o progenitor do nosso immortal poeta.

Seus pais consta não eram abastados, porque provinham de um ramo segundo; e é notorio que no nosso Portugal filhos segundos são geralmente pouco avantajados; no emtanto apesar dos poucos bens da fortuna, grande cuidado tiveram em cultivar os raros talentos de seu filho.

P. M.

(Continuar-se-ha.)

### BEM QUERER E MAL FAZER.

(Memorias Insulanas.)

— 1531 —

#### I.

*A moura, o galan e uma discreta.*

Socega-te e respira,  
Formosa . . . que semblante  
E' esse cheio de ira!  
Ouve-me um pouco, escuta-me um instante,  
Póde ser, se me ouvires,  
Que em vez de raiva, só de amor suspires.  
— João Xavier de Mattos. —  
Ode 2.<sup>a</sup> — vol. 2.<sup>o</sup>

«DIGO-TE, minha irmã, que são boas horas de nos acolhermos a nossos aposentamentos. — A noite vai de corrida. A agulha já foge das mãos dessa moura escrava, que ahí está perdidinha de somno; e a mim mesma começa a torvar-se-me a cabeça. Adeus até amanhã.

«Assim me despedes, Isabel? São poucas as vezes que venho a ver-te depois que tomei estado, e estas mesmas já a ti te parecem longas, quando de companhia estamos. Não é isso de tão boas e tão unidas irmãs que nós eramos!

«Da minha amizade, Agueda, não creio eu que possas já agora duvidar. Bem te quizera sempre comigo e ao pé de mim. Mas este repasto d'alma, com que na tua conversação me deleito, não póde durar sempre; amanhã o renovaremos; por em quanto o corpo tambem pede o seu descanso. Conto que serás minha por estes dias.

«Não te affianço, que asinha me tornarei a minha morada, mal que meu senhor, e esposo, fór de volta da Capitania. Não te quero accrescentar enfadamentos. . . .

Dizendo, tinha-se erguido, dobrando e anafando cuidadosamente a obra de lavor em que trabalhava, e ao pronunciar as ultimas palavras, com voz um tanto despeitosa, pô-la sobre um escabello que alli ficava á mão, fazendo semblante de sahir.

«Que é isso, minha irmã, nem as boas nontes me dás? Não te vás, não, assim agastada. Tem mão nesse teu genio assomado e vem abraçar-me. Já ninguem tenho na terra se não tu para me querer e amar bem do coração; ninguem, nem pai, nem mãe, nem marido. Agueda, acaso te offendi eu? — perdoa-m'o se o fiz. Queres tu por tão pouco fazer quebra nesta nossa tão boa e tão santa amizade?

Abraçaram-se antes de se separarem e o fim das

despedidas foi assim mais amigavel e menos severo que o principio. Eram arrufos e susceptibilidades de irmãs e amigas, sempre faceis de se desfazerem, mórmente quando n'uma era tamanho o desamparo de alheios affectos e n'outra tão vivo o sentimento.

D. Isabel e D. Agueda de Abreu eram filhas de João Fernandes de Abreu, senhor da Lombada do Arco na mui fertil e formosa ilha da Madeira. D. Agueda casada com Micer Estevam Esmeraldo, rico fidalgo genovez, vivia ha muito em seus coutos e herdades, visitando de longe em longe a irmã a quem muito, e muito d'alma, presava. D. Isabel, viuva de João Rodrigues de Noronha, que servira elrei como bom vassallo, já capitão mór do mar na India, já depois capitão d'Ormuz, conservava-se em sua morada quasi sempre em solidão, visitada de seus parentes raras vezes, e mais raras sabindo a visita-los; respeitada de todos e por todos bem havida. Era ella sobremodo formosa e tão formosa como discreta e tão discreta como rica, e era moça e era linda, mas com sê-lo tanto, e de tantos requestada, nem por isso se tentou em voltar á vida de festas e sarás que a chamava, e aonde brilharia — dizia-lh'o o seu espelho de Veneza — a primeira entre as melhores, e a melhor entre as de mais nome. Viu-se pois uma mulher, preza por quanto o mundo póde prender, fugir delle, encerrar-se com suas saudades e guardar lealdade — caso, em verdade, de homérica estranheza! — a seu marido morto; ao passo que outras, de quem já o mundo se vai despedindo, não a guardam nem aos esposos vivos. — Se não houvera o mal como se avaliaria o bem?

A Lombada do Arco, tetra de que tinha o senhorio, e aonde ordinariamente vivia, era uma nobre e mui vasta herdade, abundante e copiosa de todas as cousas precisas, e bem provida de quanto o mais apurado desejo podia appetecer. As casas em que a illustre Rica-dona (1) fazia seu domicilio eram amplas e magnificas no interior, fortes e bem torreadas no exterior; estando, para o que desse e viesse, abastecidas de numerosos domesticos, homens de armas, com grande copia dellas, e escudeiros, como convinha ao estado e lustre de tão fidalga senhora, e á segurança de tão grande habitação, assim posta ao desamparo no meio dos campos e longe da cidade.

Era alta noite. O serão e a palestra das duas irmãs que ha muito se não viam — bem que sómente perfumados daquella bem dita simpleza de nossos pais; bem que mui longe dos adubos e sainetes dos sarás, bem que unicamente empregado no trabalho [que delle se não desprestavam as mais fidalgas mãos] e em colloquios affectuosos — tinham-se prolongado fóra do costumado. Já as ayas, donas ou donzellas, com licença de sua ama, se haviam recolhido aos seus quartos, deixando as obras de costura. Já a moura valida de D. Isabel e que ao pé da sua camera dormia, cabeceára mui soffrivelmente, quando D. Isabel se resolvêra a separar-se da irmã, mais por lhe desejar o preciso repouso do que para a si propria o dar. Ficando só approximou-se da moura que dormia ou parecia dormir sobre o seu trabalho e sacudindo-a a accor-

(1) O titulo de Rico-homem, dado aos fidalgos senhores de largos patrimonios, subsistiu até os tempos d'elrei D. Manuel — suas mulheres eram chamadas ricas-donas. Morto D. Manuel em 1521 não julgamos commetter grave anachronismo conservando este titulo 10 annos depois.

dou recommendando-lhe o descanso na camilha que para ella alli estava feita. Despertou a escrava es-  
tonteada e confusa apparelhando-se indecisamente  
para obedecer ao mandado de sua senhora. Disse-  
ra-se ao vê-la que nunca tamanho somno pesára em  
palpebras femininas. Sahiu D. Isabel da camera em  
que se achava, para o seu interior aposento, logo  
alli proximo, desacompanhada, que a somnolenta  
moura não parecia em estado de poder prestar ser-  
viços, e nem ella os exigia de suas ayas, mórmnte  
áquellas horas tão adiantadas. Sabindo cerrou  
para si a porta para onde entrára e deixou só a  
moura que ficára de pé do mesmo modo que a sen-  
hora a deixára e como se ainda assim dormira.  
Apenas porem D. Isabel de todo desapareceu, er-  
gueu ella a cabeça com gesto seguro, e abrindo os  
olhos vivos, brilhantes e africanos, sacudiu de si  
toda aquella expressão pesada, lenta e desleixada  
que pouco antes se lhe notava. Ficou immovel co-  
mo estava, nem um só exterior movimento revelou  
a subita mudança que fizera, por modo que se al-  
guem alli estivesse junto della, custar-lhe-ia, ven-  
do-a, a acreditar o que seus proprios olhos lhe  
dissem, tal era a immobilitude e silencio em  
que a manhosa se conservava. E contudo todo o  
seu ser mudára. Não era já o rosto parado, os olhos  
abatidos, e o gesto incerto de quem succumbe ao  
somno: eram faces animadas, olhos e gesto expres-  
sivos e intelligentes, como ao primeiro exame se  
julgaria que os nunca ella poderia ter. Levava as  
vistas ora para a parte aonde D. Isabel se sumira,  
ora para uma janella que lhe ficava fronteira. Pa-  
recia aguardar alguma cousa com grande ansie-  
dade. A camera em que isto se passava era mui  
acciada, porem mui singela. Um largo estrado pa-  
ra as ayas, alguns escabellos soltos e espalhados  
sem alinhamento, cocedras e alfombras (2) para pousar  
os pés, e a um canto a camilha da moura, com seu  
cabeçal e almadaques mui alvos, sem que por to-  
da ella houvesse mais ornamentos nem alfizes (3).  
— Uma porta que dizia para um corredor commu-  
nicando com o resto da casa, outra que levava ao  
aposento de D. Isabel, isto é, ao seu quarto de  
dormir e ao seu oratorio, que era contiguo, e de-  
frente deste uma janella unica, dando para um  
largo pomar, todo rescedente debaixo daquelle  
amoroso céu da Madeira, morno e suave, e quasi  
sempre céu de primavera. — Portas e janellas po-  
rem estavam cuidadosamente cerradas; ouvia-se  
apenas lá fóra o manso rumorejar da folhagem, e  
algum desses sons perdidos e confusos, unico sig-  
nal que sobresahe no adormecimento geral da na-  
tureza. Passára-se um bom espaço e ainda a mou-  
ra permanecia immovel, mas álferta e com ar in-  
dagador. Por fim foi-se passo a passo encaminhan-  
do surrateiramente para a porta do aposento de D.  
Isabel, e depois de ter alli applicado o ouvido,  
contento ao que parecia daquelle exame, dirigiu-  
se para a janella, mas tão levemente, que nem quem  
na mesma camera estivesse a presentiria. Chegada  
que foi, parou esocida com a umbreira de pedra e  
ficou perfeitamente queda, á maneira d'uma esta-  
tua. Era contudo facil de conhecer-se a aturada  
applicação com que empregava o sentido auditivo,  
tendo as mãos cruzadas sobre o peito, e o collo  
estendido do mesmo modo que a formosa Floripes  
vendo da torre do almirante Balão caminhar para  
o suplicio o seu tão querido Gui de Borgonha, co-

mo no-lo pinta o critico José Agostinho de Mac-  
do, naquelle seu bom livro das — *Pateadas*. — Uma  
sombra movendo-se e atravessando assim a camera  
de um para outro lado não faria menos rumor do  
que a moura fez no ir cumprindo a obra misterio-  
sa de que toda parecia occupada. Passaram-se ain-  
da instantes, e pouco depois sentiu-se um pequeno  
assovio curto e intermitente que ouvidos pouco apu-  
rados não saberiam ao certo distinguir desses quei-  
xumes longinquos das florestas e da noite. Não acon-  
teceu porem assim com a moura. Tirou mui acau-  
teladamente as grossas trancas da janella, com si-  
lencio tamanho, e tal presteza que nem que toda  
a vida a tivesse passado em estudar a arte de des-  
trancar janellas. Passada esta primeira operação res-  
tava só correr o fecho: fê-lo assim e a larga porta  
da janella desandou nos seus gonzos, gemendo agu-  
damente e dando subita passagem á brisa nocturna  
que fez oscillar e encurvar a breve chamma d'um  
candéu, unica luz que á moura ficára. Ao inespe-  
rado rumor comprimiu ella a respiração, cessando  
todo o movimento, e escutando anciada em quanto  
o coração lhe pulava lá no peito. Nada se seguiu.  
Com passo lento, apenas trahido por um ligeiro  
ranger do pavimento, foi direita á camilha tirou de-  
baixo do cabeçal uma escada de corda, com seus  
ganchos e com iguaes cautelas voltou á janella,  
firmou uma das extremidades no parapeito e pen-  
dendo-se para fóra atirou com a escada a baixo.

Em menos de um credo viu-se successivamente  
apparecer a cabeça, os hombros e por fim todo o  
corpo de um homem, que entrou com o mesmo si-  
lencio com que tudo se acabára. Era elle moço e  
bem disposto, e trajava gibão singelo apertado por  
um cinto de couro debruado com um pequeno cir-  
culo mui luzidio de peltre (4), e umas calças gol-  
peadas, tudo de panno grisisco (5) ordinario. Não  
dizia porem esta apparente e peã modestia de ves-  
tuario, nem com o seu ar decidido, que bem se  
podia chamar insolente, nem com o penteado e  
desvelado dos cabellos perfumados, nem com as  
largas botas ornadas de formosas esporas á gineta  
lustradas e sonoras, nem com o arrogante pluma-  
cho que lhe ondeava no chapéu, nem sobretudo  
com o longo e rico punhal que trazia no cinto, cu-  
jo cabo, mui primorosamente lavrado, tinha es-  
culpida uma torre de prata, em campo verde, com  
ameias e coruchéu, rematando em cruz de ouro,  
e dois lobos rompendo contra a torre: ora estas  
eram as armas d'uma nobre familia (6), a primei-  
ra então entre as da ilha.

Apenas saltou no pavimento tirou o desconheci-  
do, assim inconsequente no seu modo de trajar,  
uma bolça, que parecia bem recheada de esphe-  
ras (7) de ouro e, entregando-a desleixadamente á  
moura, caminhou com ar deliberado para a porta  
do aposento de D. Isabel. Quanto á escrava, que  
em toda esta scena, rapidamente passada, não dis-  
sera palavra, tomando a bolsa e pesando-a nas mãos

(4) Latão.

(5) Panno escuro ou de côr leonada; naturalmente do  
gris dos francezes, dos quaes talvez nos vinha o tal panno.(6) Estas são com effeito as armas dos Camaras, con-  
cedidas por D. Affonso 5.º em Santarem em 1540 a João  
Gonçalves Zarco, descobridor da ilha da Madeira, com o  
appellido de Camara de Lobos, em memoria de uma lapa  
ou gruta á feição de camera, mui trilhada dos lobos, e pri-  
meiro logar que aquelle capitão visitou quando sahio em  
terra. — Nobil. &c.(7) Moeda mandada cunhar por elrei D. Manuel que  
tinha d'um lado uma esfera e do outro a letra "M"

(2) Alcatifas.

(3) Mobília.

foi aninhar-se na sua camilha como se de nada soubera e nada vira.

Já o atrevido intruso se dispunha a franquear a porta quando esta descerrando-se deixou ver a digna e severa figura de D. Isabel, que tendo passado o tempo no seu oratório, e presentindo rumor, se encaminhava a ver o que se passava. D. Isabel era uma dama de coração varonil, e animo intrepido; parou e medindo o indiscreto hospede com as vistas, pareceu antes admirada que assustada; não foi assim porem com elle; apesar do despejo que mostrára, ficou meamente abalado.

«Porventura, meu primo — disse D. Isabel correndo toda a camera com os olhos, e dando visos de conhecer já o modo porque se effectuára a estranha ascensão do desconhecido — porventura convem a um cavalleiro leal fazer visitas a estas horas da noute, quando de dia é recebido; entrar pela janella, quando a porta está franca?»

A serenidade e placidez com que esta pergunta foi feita, e o tom e ar senhoril de quem a fazia, como que um pouco desconcertaram o nosso pimpão, que tinha talvez feito conta com uma scena mais de romance. — E nisto dava elle ares de certos leitores que eu d'aqui estou ouvindo a chamarem-me semsaborão e o que mais quizerem, por lhes não aproveitar aqui tão boa occasião para gritos, desmaios, pragas, blasphemias, punhaes, coroando tudo depois . . . com uma boa ressurreição, muito frisante e muito a tempo. Mas que quereis? Preferi antes fazer passar as cousas mais simples e chaamente, isto é, como realmente aconteceram. Já tambem no meu bom tempo vos fiz a vontade, já cri isso cousa inimitavel, porem que hade ser? esta pobre humanidade é tão fragil! Agora . . . agora digo como dizia o elegante e dolorido Bernardim Ribeiro que, entre nós, era poeta a valer. . .

... Na crença e na esperança,  
Em ambas ha hi cuidado,  
Em ambas ha hi mudança.

Postoque pouco á sua vontade com a recepção que lhe faziam, da qual palpavelmente se via que não era temido, procurou comtudo o incognito conservar boa feição, balbuciando tres ou quatro trivialidades que não acertou em acabar, até que por fim pôde formular esta resposta, que elle provavelmente julgou mui cabal, e que vós julgareis como quizerdes.

«Prima e senhora minha, se, para o que pertendo de vós eu vos buscasse de dia, talvez nem de noute podesse voltar, a menos que o não fizesse em som de guerra. . .

Aqui tomou elle um gesto soberbo em quanto que ella sorria encolhendo os hombros. Continuou:

«E isso não o desejo eu. Se pela porta vos procurasse arriscava-me um tanto a sahir pela janella mesmo apesar de todas as diligencias desta ou de outra mais honrosa arma para a minha mão.» — Pousou a mão no punho do ferro e olhou para o lugar nú da espada. — «Assim que, preferi entrar pela janella para sahir pela porta, buscar-vos de noute para vos apparecer de dia.

«E se vós, primo, arriscardes tanto ou mais neste do que arriscaríeis no primeiro desses dois casos?»

Tambem já era visivel que o bom do primo tinha já reassumido toda a sua deliberação, momentos interrompida.

«Não arriscarei não, prima e senhora minha — tornou elle com ar acatado mas resolutivo — que vós estais aqui em meu poder, e eu acabei comigo cumprir hoje o que de vós pertendo. Dormem todos, só nós velámos. . . entendeis-me.

D. Isabel d'um volver d'olhos calculou a somma de probabilidades a favor da opinião do primo, que parecia homem afferrado ás suas, e vendo-se só, no meio do silencio e da noute, sem meios de chamar soccorro, e á mercê inteira de um individuo deliberado, tendo só junto de si a perfida escrava que fazia semblante de dormir, achou que a sua situação era precaria a não poder sê-lo mais, mas como discreta que era tomou a sua decisão e disse rigidamente ao primo:

«Que pertendeis pois de mim?»

«Que me trateis a mim, formosa prima, — respondeu elle — com menos asperidade do que a todos tendes tratado. Somos iguaes nos bens e na fidalguia, somos parentes . . . e eu amo-vos. . . Oh! não vos irriteis. — Se me ouvirdes talvez troqueis vossa fera condição. . . consenti em dar-me a vossa mão. Os nossos senhorios são visinhos, torna-los-hemos o mais vasto morgado de toda a ilha. . . E já agora que outra cousa podeis vós fazer! . . . O homem que entrou no vosso aposento pela janella como amante, só deve de sahir pela porta como esposo.

«Ou como salteador.

«E quem ousará em toda a ilha affirmar que Antonio Gonçalves da Camara entrou em casa de D. Isabel d'Abreu como salteador. Com que testemunhas o provareis? Nem com dize-lo ficareis menos deshonrada, prima e senhora.»

«Deshonrada!

D. Isabel meditou algum tempo, e depois sem perturbar-se respondeu:

«E não podereis vós, para cumprirdes vosso intento, deixar de me deshonrar aos olhos de todos? Ide-vos por onde vistes. Que ninguem vos presinta. Voltai em poucos dias para me levardes como esposa, que nisso consinto e havido depois o rescripto de Roma serei vossa mulher.»

Antonio da Camara, presumido e namorado, esteve para alli morrer de gosto. Beijou a mão de D. Isabel, e esgotou todo o repertorio de suas finezas, que ella supportou com admiravel paciencia. Um momento de deliberação, tinha no seu conceito, conquistado a inconquistavel prima, e sem realmente compromette-la tinha elle vencido o que sem o escandalo julgára invencivel.

Uma hora depois todos os accusadores signaes de invasão nocturna tinham desaparecido com tanto silencio como o com que se haviam apromptado. Na principal sala de sua morada D. Isabel dava esta ordem a um escudeiro.

«Que todos os homens d'armas, escudeiros, e serventes da Lombada do Arco, estejam promptos ao primeiro alvor da manha. Que as armas se apparelhem e que se faça boa guarda, e aprestos para qualquer defensão.

«Receia acaso, vossa mercê? . . .»

«Obedecer e calar!»

A moura desapareceu tambem.

S. Leal Junior.

[Continuar-se-ha.]

A CURIOSIDADE se apascenta de noticias; e o mundo é um theatro de novidades.